

13423 - A Construção do Conhecimento Agroecológico: Uma análise a partir da participação entre os atores.

The Agroecological Knowledge Building: An analysis from the participation among actors.

COTRIM, Décio¹; DAL SOGLIO, Fabio Kessler²

1 Engenheiro Agrônomo, Doutor em Desenvolvimento Rural, Extensionista Emater/RS-Ascar. Professor Escoop. deciocotrim@yahoo.com.br; 2 Engenheiro Agrônomo, Doutor em Fitopatologia, Pesquisador e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PGDR. fabiods@ufrgs.br

Resumo: O presente artigo discute o papel da participação dos atores, extensionistas e agricultores, dentro das arenas voltadas a Construção do Conhecimento Agroecológico. Busca uma ampliação da compreensão da participação dos atores em processos de transição agroecológica dentro da Agroecologia. Utiliza a metodologia qualitativa através da análise do discurso. Aponta como resultado principal que a participação é o fator inicial da transição agroecológica.

Palavras-chave: Construção do Conhecimento Agroecológico; Participação; Método Participativo.

Abstract: This article discusses the role of stakeholder participation, extension workers and farmers within the arenas focused on Building Knowledge Agroecologic. Search a widening understanding of stakeholder participation in transition processes within the agroecological Agroecology. Uses qualitative methodology through discourse analysis. The results indicate that the main contribution is the initial factor of agroecological transition.

Keywords: Agroecological Knowledge Building; Participation; Participatory Method.

Introdução

Os processos de Construção do Conhecimento Agroecológico, envolvidos dentro da Agroecologia, são importantes elementos para estudos com um maior grau de entendimento das suas dinâmicas. O presente artigo tem como objetivo analisar a interface entre os atores agricultores e extensionistas para ampliação da compreensão do papel da *participação* na construção desse conhecimento.

Esse trabalho foi retirado de dentro das análises da tese de doutorado do autor intitulada “O estudo da participação na interface dos atores na arena de construção do conhecimento agroecológico” desenvolvida dentro do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural – UFRGS.

Metodologia

O presente estudo é baseado em metodologias qualitativas através de entrevistas semiestruturadas conduzidas com vinte e três agricultores e nove extensionistas no município de Dom Feliciano no RS. A totalidade das entrevistas foi gravada, transcritas e posteriormente analisadas através da técnica da análise do discurso.

Resultados e discussões

A Agroecologia abarca a totalidade das discussões realizadas na análise desse texto. Nessa pesquisa foi desenvolvido o conceito de Agroecologia, enquanto um campo de conhecimento interdisciplinar, formado por aportes de várias disciplinas científicas, que combina essencialmente as ciências naturais e as ciências sociais, tendo a pretensão de estudar as interrelações existentes entre processos agrônômicos, ecológicos e sociais no sentido do desenvolvimento de processos mais sustentáveis.

Esse conceito apresenta a amplitude de um campo de estudos que se apropria de conhecimentos científicos das disciplinas das ciências naturais e sociais. Mas o focaliza nas interrelações agrônômicas, ecológicas e sociais, apontando a aproximação direta com os estudos do Desenvolvimento Rural. Essa magnitude do conceito de Agroecologia, permite que a totalidade dos processos, como no caso das ações participativas dos extensionistas, o uso do método participativo, a Construção do Conhecimento Agroecológico e a própria Transição Agroecológica, possam ser compreendidas como articuladas dentro dela. A Figura 01 sintetiza a articulação entre os diversos processos visualizados.

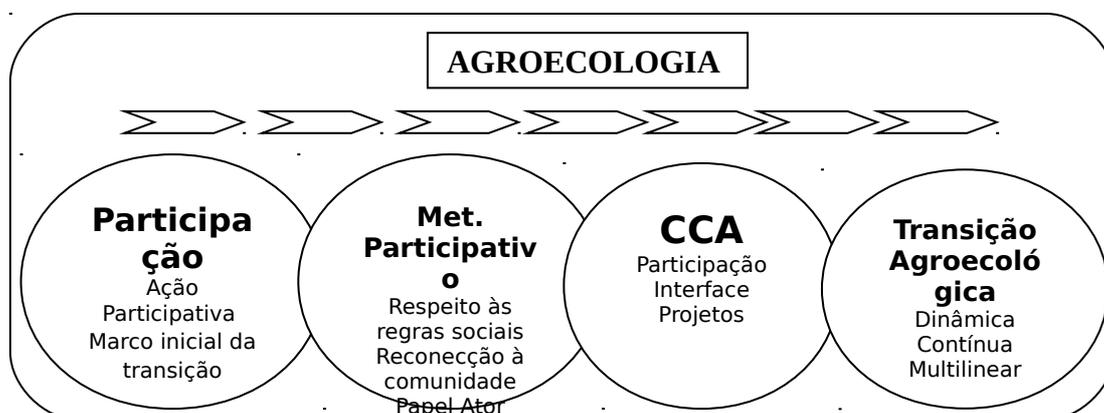


Figura 01 – Os processos articulados na transição agroecológica
 Fonte: Autor.

A ação dos extensionistas, expressa na pesquisa pela ação participativa dentro das arenas, é uma postura de ator dentro do processo. O trabalho de articulação, é socialmente enraizado e comprometido com os procedimentos que envolvem os atores agricultores. Nessa perspectiva, se distancia de uma ação padronizada e mecânica, típica de processos difusionistas.

Long (2001), Long e Ploeg (1994) e Ploeg (2003), em suas análises sobre os processos de intervenção dos atores, apontam como um caminho necessário que os extensionistas sejam atores e construam socialmente as suas ações. Esse aspecto pode parecer natural, mas é um ponto nevrálgico na mudança, no ato da mediação social, ou seja, o comprometimento dos profissionais com as pessoas com as quais eles estão trabalhando.

Essa compreensão responde, em partes, às fragilidades teóricas, apontadas aos estudos da participação. Thornton (2010) afirma que pode haver manipulação nas listas dos nomes de quem vai ser convidado a participar. Heeks (1999) aponta que as ações participativas, não consideram o contexto político-administrativo, e alia a ideia de que a participação não pode ser uma técnica universalizável.

Quando foi construído o conceito de extensionista, enquanto um catalisador, proponente e fomentador de projetos dentro da arena, e ocorreu um distanciamento do papel difusionista do mediador social da fase da *modernização da agricultura*, ficou explícito que as críticas teóricas estavam voltadas a uma incompreensão do novo papel desse ator. O extensionista possui suas ideias e opções, mas a sua ação se legitima, na dinamização da arena de forma ética e ampliada. Nesse sentido, as ferramentas e técnicas participativas não são universalizáveis, mas o método participativo é de uso irrestrito. A participação na arena é essencial para a Construção do Conhecimento Agroecológico.

Caporal (1998) alertava que a intervenção dos atores externos, deve fortalecer o potencial social e ecológico endógeno. Os estilos de agriculturas desenvolvidos a partir da noção de formação de projetos individuais pelos atores, apontam para um grande leque de diversidade. Naturalmente, a ação de articulação é heterogênea em virtude de cada espaço rural. Uma noção estrutural de intervenção social, tipo *top-down*, padroniza as formas de trabalho dos extensionistas e tende a impossibilitar uma atuação participativa.

A ação dos extensionistas dentro do processo participativo somente é possível pela capacidade de cada ator em moldar a intervenção às vicissitudes de cada comunidade rural, respeitando os princípios agroecológicos, que no caso é o método participativo. A participação dos atores é a conexão direta do processo com a Agroecologia.

As empresas voltadas à intervenção social possuem signos e ideologias que servem como guias para a ação coletiva dos extensionistas. Essa decisão empresarial, é distante das normativas de uma perspectiva difusionista que funciona como diretivas ou amarras. Assim, os extensionistas possuem espaço de manobra estratégica para a sua ação, na direção da construção social respeitando as realidades de cada rural, e não estando em contraposição às linhas gerais institucionais. Uma postura empresarial, que possibilita ao extensionista exercer seu papel de ator na direção de um processo de transição agroecológica.

Quando um grupo de atores constrói uma noção que aponta para a insustentabilidade do processo de desenvolvimento de um dado território como iniciar um processo de transição agroecológica? Essa pergunta povoa as mentes dos grupos técnicos, grupos de estudo, coordenadores de organizações dos agricultores, grupos diretivos de empresas voltadas ao desenvolvimento, dirigentes políticos, entre outros.

De forma óbvia, não existe um único caminho. Muitas experiências estão sendo desenvolvidas com formação de estudantes, grupos de agricultores ecologistas, educações de consumidores entre tantas outras ideias. A reflexão que essa pesquisa nos conduz, é referente ao método. Pode parecer em uma leitura apressada apenas um detalhe, mas entende-se que o método participativo é o *cerne* do encadeamento das noções trabalhadas nesse artigo.

A ação do extensionista junto a um grande grupo de agricultores que desenvolvem estilos heterogêneos de agricultura em agroecossistemas distintos, necessariamente tem que ser diferencial. O que se aponta é a necessidade de princípios agroecológicos nessa intervenção para ela estar direcionada a um processo de

transição agroecológica. Esse é o argumento central para o destaque necessário para o método participativo.

O método participativo promove a real diferença na interface entre os atores! Quando um extensionista propõe a utilização de ferramentas e técnicas participativas, desde as mais simples, como uma divisão em grupos de trabalho e a sistematização com tarjetas, existe a formação de uma sinergia que possibilita aos agricultores o respeito às regras sociais que regem o grupo, uma tendência à reconexão com sentido da comunidade e o exercício do papel de atores sociais.

A transição agroecológica, ocorre com a participação dos atores em todas as fases do processo. Caporal (2006) já aponta que no limite poderíamos ter uma agricultura orgânica, baseada na simples substituição de adubo e venenos químicos por insumos orgânicos, e que mantivesse a utilização de mão de obra explorada (ou quase escrava) e relações comerciais com as grandes redes de supermercados procurando nichos de mercado. Esse é um processo de transição agroecológica? A resposta direta é não! Mas então a produção de base orgânica não é a chave para a transição?

A alternativa que se propõe é que a participação dos atores promovida, reconectada, exercitada através do método participativo é a chave para a transição. A ideia não é ser dicotômico nessa análise, de que o princípio de um processo transicional deve optar entre a implantação de sistema de produção de base orgânica ou processos de participação, mas muito mais enfatizando a dimensão da participação. O marco inicial da transição agroecológica em Dom Feliciano (espaço empírico analisado na tese de doutorado de onde se conecta esse artigo), foi a ação participativa que possibilitou aos atores, nas diversas e diferenciadas comunidades rurais, a construção da noção de insustentabilidade do processo de desenvolvimento.

Mais do que a simples discussão em grupo entre os agricultores, o uso do método participativo estruturou uma arena de construção do conhecimento agroecológica. Foi a interface entre os atores que levou a construção coletiva da noção da insustentabilidade do desenvolvimento. A continuidade dos encontros comunitários, a formação das associações comunitária, as reformulações do CMDR, entre outros processos com mais de uma década de idade, foram desdobramentos no sentido de uma arena para a busca de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

A arena retomou elementos da construção do conhecimento tradicional, mas eles foram insuficientes. Após a ruptura do processo de *modernização da agricultura*, começaram a emergir novos subsídios contemporâneos exigindo que a arena se tornasse diferenciada da fase tradicional. A figura 2, na sequência, salienta esses pontos.

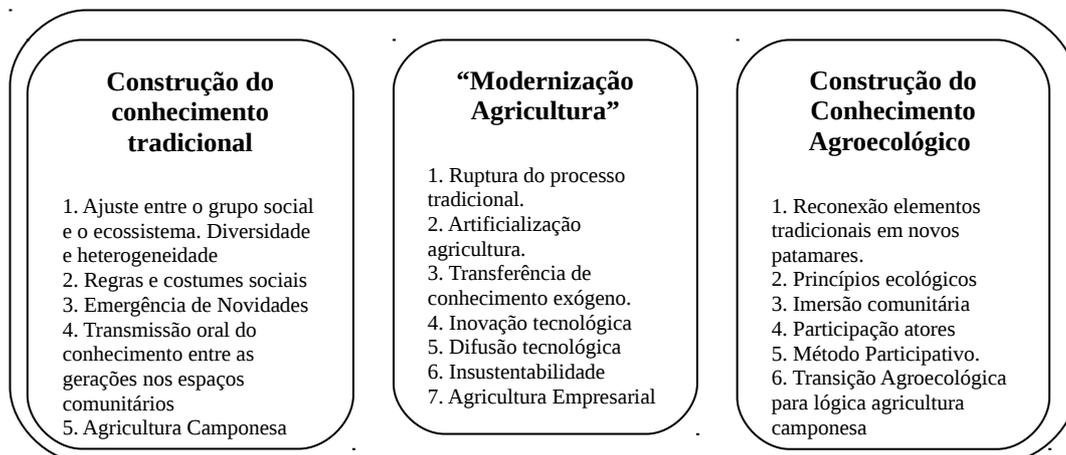


Figura 2- A ruptura promovida pela modernização da agricultura

Fonte: Autor.

A ruptura realizada na fase da *modernização da agricultura*, impossibilitou o retorno simples e direto ao processo tradicional de construção do conhecimento. A quebra do processo geracional de passagem do conhecimento acumulado, as novas dinâmicas dos mercados, a redução da importância das regras sociais comunitárias nesse processo exigiram novos procedimentos.

Essa noção também rebate críticas de que a Agroecologia preconiza certo “retorno romântico ao passado”. Na atualidade, é inconcebível essa simplicidade de elaboração. A complexidade do rural exige análises sistêmicas e holísticas da realidade. O conceito de Construção do Conhecimento Agroecológico, acolhido dentro da Agroecologia, vem sendo utilizado, no sentido do contemporâneo processo de acúmulo de conhecimento, de diálogo entre saberes ou de sistematização de experiências dos atores (ASSOCIAÇÃO, 2009; PETERSEN, 2007).

Nessa direção, se propõe como colaboração teórica à Agroecologia, a conceituação do processo de CCA como: “A Construção do Conhecimento Agroecológico é um processo relacional entre os atores dentro das arenas, tendo esses, a capacidade de agência para construir projetos diferenciais para suas vidas. A interface participativa entre os atores, através do método participativo, é elemento essencial, ocorrendo no sentido do diálogo do saber tradicional e científico, ou seja, o conhecimento empírico e científico das características ambientais do ecossistema, e as propriedades sociais do grupo são os objetos do debate entre os atores. A totalidade do processo, é voltada para o caminho de uma transição agroecológica construída coletivamente pelos atores e orientada a caminhos sustentáveis de desenvolvimento rural.”.

Resultados

Existe a percepção analítica da mudança do papel dos atores extensionistas desde a fase da *“modernização da agricultura”*, quando eram utilizados fortemente processos difusionistas, para uma fase, em desenvolvimento, de transição agroecológica com ênfase na utilização do método participativo.

O artigo rebate as críticas teóricas de que a participação não é universalizável enquanto um método para a interface entre os atores. Aponta que existe um entendimento parcial quando dessa afirmação, visto que, entende que as ferramentas e as técnicas participativas não podem ser usadas indistintamente com

qualquer grupo social, mas enfatiza que o método participativo é universalizável, sendo o cerne para a reconecção dos atores no processo de interface. A participação dos atores dentro das arenas de construção do conhecimento agroecológico é o elemento central para os processos de transição agroecológica.

Referencias

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Agroecologia. **Construção do Conhecimento Agroecológico**. Brasília: ABA, 2007.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o Desenvolvimento Rural sustentável**. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.agroeco.org/socla/archivospdf/Agroecologia%20%20Novo%20Paradigma%2002052006-Itima%20Verso1.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2007.

CAPORAL, F.R. **La extensión agraria del sector público ante los desafíos del desarrollo sostenible**: el caso de Rio Grande do Sul, Brasil. 1998. 517 f. Tese (Doutorado) - Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia, ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba. Córdoba, 1998.

HEEKS, R. **The tyranny of Participation in Information Systems**: Learnig from Development Projects. Manchester: University of Manchester, 1999.

LONG, N. **Development Sociology**: actor perspectives. London: Routledge, 2001.

LONG, N.; PLOEG, J. D. Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure. In.: BOOTH, D. (org) **Rethinking social development**: theory, research and practice. Essex: Longman Scientific and Technical. 1994. p. 62-89.

PETERSEN, P. ; DIAS, A. (Org.). **Construção do Conhecimento Agroecológico**: novos papéis, novas identidades. Rio de Janeiro: Grafici, 2007.

PLOEG, J. D. van der. **The Virtual Farmer**. Assen: Van Gorgum, 2003.

THORNTON, R. D. Participacion¿la nueva tirania en procesos de Extensión Rural? In: THORNTON, R. D. ; CIMADEVILLA, G. (Org.). **Usos y abusos del participare**. Buenos Aires: Ediciones INTA, 2010. P. 35-54.